

**O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO JOÃO GABRIEL
BAPTISTA, O MEDO DA DITADURA EM
TERESINA (PI) E SUA INSERÇÃO NO CENÁRIO
INTELLECTUAL LOCAL ENTRE OS ANOS 1960 E 1970**
**UNIVERSITY PROFESSOR JOÃO GABRIEL BAPTISTA,
THE FEAR OF THE DICTATORSHIP IN TERESINA
(PI), AND HIS INSERTION IN THE LOCAL
INTELLECTUAL SCENE BETWEEN THE 1960s AND
1970s**

MARCUS PIERRE DE CARVALHO BAPTISTA*

Resumo: Este artigo teve por finalidade discutir as distintas experiências protagonizadas pelo professor João Gabriel Baptista em Teresina (PI) durante o período da ditadura militar no Brasil, momento no qual era professor universitário. O estudo pautou-se na pesquisa bibliográfica, na análise de fontes hemerográficas e na história oral, considerando as entrevistas realizadas com os filhos do sujeito em tela. Deste modo, através da memória de dois de seus filhos, bem como de livros publicados por ele, foi possível indicar como João Gabriel Baptista participou em um programa editorial do governo do estado do Piauí que se alinhava à ideologia da ditadura militar, no sentido de favorecer sua trajetória profissional, ciente dos riscos e perigos que este contexto representava, e de que modo foi marcado pelo medo nesta conjuntura, principalmente em relação aos seus filhos que adentravam o espaço universitário na época.

Palavras-chave: João Gabriel Baptista. Ditadura Militar. Medo.

Abstract: This article aimed to discuss the distinct experiences lived by Professor João Gabriel Baptista in Teresina (PI) during the period of military dictatorship in Brazil, a time when he was a university professor. The study was based on bibliographic research, analysis of newspaper sources, and oral history, considering interviews conducted with the subject's children. In this way, through the memory of two of his children, as well as books published by the aforementioned, it was possible to indicate how João Gabriel Baptista participated in an editorial program of the government of the state of Piauí that was aligned with the ideology of

* Doutor em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Substituto no Departamento de História da UFPI. Email: marcus_pierre@hotmail.com.

the military dictatorship, in the sense of favor his professional trajectory, aware of the risks and dangers that this context represented, as well as how he was marked by fear in this situation, especially in relation to his children who entered the university space at the time.

Key words: João Gabriel Baptista. Military Dictatorship. Fear.

Introdução

Em entrevista concedida em 2019, a professora Maria do Socorro Baptista Barbosa¹ rememorou diversos aspectos referentes a vida de seu pai, João Gabriel Baptista (1920 – 2010)². Elementos relacionados à sua família, sua atuação enquanto professor, engenheiro, geógrafo e historiador, sua inserção no cenário intelectual piauiense entre os anos 1950 e 1990, dentre muitas questões que marcaram a vida do sujeito em questão e, conseqüentemente, da própria entrevistada nos momentos em que conviveram.

Cabe destacar que não intencionamos em dar conta da totalidade da vida de João Gabriel Baptista, muito menos incorrer no erro da ilusão biográfica³, isto é, de afirmar a suposta existência de uma linearidade a qual ele teria conhecimento prévio, justificando, assim, as escolhas feitas ao longo de sua vida. Portanto, os destaques feitos neste momento servem apenas para situar o leitor acerca de aspectos que consideramos relevantes sobre sua trajetória para a compreensão da narrativa que tecemos ao longo desta pesquisa.

Deste modo, o objetivo do artigo foi o de compreender como o Estado de exceção instalado no Brasil a partir de 1964 produziu múltiplos significados ao considerarmos o

¹ Nascida em 13 de setembro de 1958, é a quinta filha de João Gabriel Baptista. Graduada em Licenciatura Plena em Português e Inglês pela Universidade Federal do Piauí (1982). Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e Doutorado na mesma área e instituição (2005). Foi professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí até dezembro de 2017, quando se aposentou.

² João Gabriel Baptista teve com sua esposa sete filhos entre 1951 e 1965, sendo eles: Aracy de Carvalho Baptista (1951-), servidora pública aposentada pelo Departamento de Estradas e Rodagem do Piauí (DER); Ernesto José Baptista Neto (1952-), engenheiro civil aposentado pela Rede Ferroviária Federal (RFFSA); Fernando Luís de Carvalho Baptista (1957-), engenheiro civil aposentado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Piauí (TJ/PI), ainda atuando de maneira autônoma em sua área; Maria do Socorro Baptista Barbosa (1958-), já citada, professora do Curso de Letras-Inglês aposentada pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Orlando Geraldo de Carvalho Baptista (1963-), engenheiro civil efetivo da Prefeitura Municipal de Teresina; Elisabeth Mary de Carvalho Baptista (1964-), professora do Curso de Geografia da UESPI; e Mário Benjamim de Carvalho Baptista (1965-), médico clínico geral da rede de saúde do estado do Piauí.

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191; DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

contexto piauiense da época, assim como o mencionado contexto afetou a vida dos sujeitos envolvidos de modos distintos. Em torno deste propósito se utiliza como fonte de estudo tanto a biografia do professor João Gabriel Baptista, quanto os registros da imprensa e memória de seus familiares.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica no sentido de apreender, ainda que minimamente, os principais aspectos que marcaram este momento a nível de Brasil e Piauí, bem como sobre o próprio sujeito-tela do estudo, João Gabriel Baptista. Para tal, utilizou-se autores como Lucélia Araújo⁴, Marcos Napolitano⁵, Rodrigo Sá Motta⁶, Francisco Castro⁷ e Marcus Pierre Baptista⁸.

Quanto aos conceitos trabalhados para operacionalizar as fontes e, a partir disso, produzir a narrativa, as discussões de Michael Pollak⁹, Jean-François Sirinelli¹⁰, Yi-Fu Tuan¹¹, Maurice Halbwachs¹², Pierre Bourdieu¹³, Paul Ricoeur¹⁴, Jean Delumeau¹⁵ e Alexandre Avelar e Benito Schmidt¹⁶ foram necessárias ao se mobilizar as definições de memória, biografia, medo e redes de sociabilidades. Além disso, se recorreu ainda a Verena Alberti¹⁷, José Carlos

⁴ ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. **Tecendo Narrativas: vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

⁵ NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁷ CASTRO, Francisco J. Leandro A. de. **1964: memórias e culturas políticas no Piauí**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

⁸ BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa. Os estudos do professor João Gabriel Baptista e a consolidação da Geografia enquanto campo científico no Piauí a partir da segunda metade do século XX. **Temporalidades – Revista de História**, Belo Horizonte, v. 15, n.2, p. 476-506, out. 2023 / mar. 2024.

⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

¹¹ TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

¹² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 183-191.

¹⁴ RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Unicamp, 2007, p. 25-70.

¹⁵ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁶ AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 63-82; _____. **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

¹⁷ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

Meihy e Fabíola Holanda¹⁸ quanto ao uso apropriado da metodologia da História Oral para a produção das fontes orais analisadas no decorrer desta análise.

Dentre a seleção dos entrevistados, optamos por conversar com dois filhos de João Gabriel Baptista, os quais acreditamos que poderiam contribuir de forma mais significativa para o estudo engendrado. Foram eles: Ernesto José Baptista Neto, não apenas por ser o filho homem mais velho, mas também por ser o primeiro a ingressar no curso superior, notadamente em São Luís (MA), em um momento conturbado, isto é, o contexto ditatorial, para entender de que modo esta conjuntura impactou diretamente na perspectiva de seu pai, segundo as reminiscências do entrevistado, sobre aquele recorte temporal.

Além dele, selecionamos também sua filha, Maria do Socorro Baptista Barbosa, considerando sua trajetória singular no tocante à família e aos estudos acadêmicos, haja visto se tratar da primeira filha de Baptista com formação e estudos superiores. Se formou na área de Letras-Ingês na UFPI também durante o contexto da ditadura militar no Piauí, bem como engravidou estando fora de um enlace matrimonial, denotando contendas no interior do seio familiar, além das relações de gênero e poder estabelecidas por João Gabriel Baptista e sua esposa.

Já a pretensão de entrevistar sua filha mais velha, Aracy de Carvalho Baptista, embora importante e pertinente para o estudo em questão, não foi possível de ser realizada por conta da pandemia do *Covid-19* (provocada pelo coronavírus *SARS-CoV-2*) e dos temas sensíveis discutidos nesta narrativa, além da fragilidade de sua saúde em função da idade avançada nos últimos anos. Quanto ao tipo de entrevista optamos pela estruturada de caráter temático, priorizando nas indagações aspectos pertinentes acerca da vida do entrevistado e sua relação com o sujeito analisado nesta pesquisa.

Em relação a utilização da metodologia da História Oral é necessário reforçar o cuidado que se deve ter ao analisar as entrevistas construídas a partir do diálogo com os entrevistados. Isso é importante tendo em vista não apenas a fragilidade da Memória enquanto uma fonte histórica, mas também as relações de poder existentes na construção dessas narrativas, bem como o trabalho de enquadramento dos grupos sociais que compartilham desta. Assim, toda fonte sofre diversas interpretações, sendo, então, imprescindível ao historiador a desconstrução

¹⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

dos relatos memoriais para a compreensão de como esses discursos são criados e das estratégias que existem por trás deles.

Ao analisarmos as lembranças rememoradas por seus filhos foi possível nos depararmos com construções que se operaram a partir das relações existentes entre a memória coletiva e a individual, e com a cristalização de certas perspectivas sobre João Baptista, a exemplo do olhar de Maria do Socorro Baptista Barbosa sobre o pai enquanto professor, algo que, para ela, seria intrínseco a João Gabriel Baptista. Deste modo, ao tratarmos estas fontes e empregarmos nossas análises tivemos o cuidado para compreender como se opera a edificação da memória evitando a produção de uma narrativa problemática que tome o que está sendo dito enquanto uma verdade, entendendo as relações de poder e de afeto que circundam a memória dos entrevistados.

Dito isto, João Gabriel Baptista nasceu em 1920 na cidade de Teresina (PI), cursou o primário no Grupo Escolar Antonino Freire finalizando este ciclo em 1931. Alguns anos depois, em 1937, encerrou a primeira parte do Ensino Secundário, isto é, o Ensino Fundamental no Colégio Diocesano São Francisco de Sales. Em seguida seu pai, o Desembargador Ernesto José Baptista (1873 – 1965), envia o filho ao Rio de Janeiro, onde segue os estudos no Colégio Universitário em 1941, ao tempo em que se preparava para a realização dos exames para ingresso no Ensino Superior.

É durante este momento, ou seja, entre os anos 1930 e 1940, que João Gabriel Baptista opta por realizar o curso de Engenharia Civil. Considerando que este curso não existia no Piauí em fins dos anos 1930 — haja vista que naquele momento havia apenas uma única faculdade em território piauiense, a Faculdade de Direito fundada alguns anos antes em 1931¹⁹, bem como a prática comum dos filhos das elites piauienses desde a segunda metade do século XIX de se bacharelarem em outras províncias²⁰, posteriormente estados, não é nenhuma surpresa que João Gabriel Baptista destine-se nesta época ao Rio de Janeiro com o objetivo de finalizar o Ensino Secundário, encerrando o Secundário Complementar, e, simultaneamente, preparando-se para o exame de admissão na faculdade que almejava cursar.

¹⁹ MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **Os alicerces da Educação Superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930 - 1970)**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

²⁰ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Educação no Piauí: 1880 – 1930**. Imperatriz (MA): Ética, 2008.

Entre 1942 e 1946 bacharela-se em Engenharia Civil por meio da Escola Politécnica da Bahia na cidade de Salvador, tendo escolhido realizar o curso em terras baianas por dois motivos: a menor concorrência ao se comparar com a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro e a proximidade do estado com o Piauí, portanto, com sua família.

A escolha pelo curso de Engenharia também não foi aleatória, mas em consonância com os cursos que ainda detinham significativo prestígio social no início do período republicano, sendo estes Direito, Medicina e Engenharia, e que também possibilitavam certa ascensão social ou mesmo a inserção no aparato burocrático do Estado²¹. Seguiu o exemplo de seu pai, tios e avôs ao regressar ao Piauí após a conclusão do curso na segunda metade dos anos 1940.

Em 1947, já no Piauí, graças a influência política do seu pai, consegue um cargo de engenheiro chefe da Seção de Hidrografia no Serviço Nacional de Malária. Em 1951 torna-se engenheiro da Estrada de Ferro Central do Piauí e, no fim da década de 1950, passa a atuar na profissão no Departamento de Estradas e Rodagens do estado do Piauí, o qual permanece até se aposentar no início dos anos 1990.

No mesmo período que retorna à Teresina dá início também a outro aspecto de sua trajetória profissional, possibilitado a partir de sua formação na área da Engenharia, a carreira docente, realizando concurso e defendendo uma tese para se tornar professor do Liceu Piauiense em 1951. Na década de 1960, especificamente em 1962, a convite do então diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI) torna-se professor de Geografia da instituição.

No início dos anos 1970 a FAFI é incorporada a Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI) para a criação da UFPI e João Gabriel Baptista passa a ser professor da recém-criada universidade, na qual permanece até sua aposentadoria em princípios de 1990. A atuação enquanto docente do Liceu Piauiense, da FAFI e UFPI, bem como enquanto engenheiro, possibilita a inserção no cenário intelectual, pela entrada nas redes de sociabilidade e publicação de obras, o que o levou até a eleição e reconhecimento junto à Academia Piauiense de Letras em 1978²². De modo breve, estes são alguns aspectos da trajetória profissional de João Gabriel Baptista para a compreensão da narrativa em apreço.

²¹ MELO, Antônio Maureni Vaz Verçosa de. *Op. cit.*

²² BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa. *Op. cit.*

Dito isso, retornemos à memória da professora Maria do Socorro. Dentre as reminiscências²³ que assinalaram sua memória sobre a vida de seu pai, uma em especial nos chamou atenção, a relação que estabeleceu com o período ditatorial. Ela nos interessou pelas sutilezas inerentes aos estudos biográficos²⁴, que encontramos no exemplo de João Gabriel Baptista.

Tendo nascido em 1958 a professora Maria do Socorro vivenciou durante parte de sua infância, adolescência e vida adulta o contexto ditatorial no Brasil, especificamente no Piauí. Não obstante, no decorrer dos anos 1970, durante o período em que era adolescente e quando ingressou na Universidade Federal do Piauí (UFPI) no curso de Letras, experienciou de modo mais significativo os efeitos do cenário político nos espaços em que transitava, seja ele no âmbito acadêmico ou no espaço privado de sua família.

Assim, ao rememorar esta conjuntura, de modo similar a seu irmão mais velho, Ernesto José Baptista Neto²⁵, logo se recordam do medo que marcou as pessoas que foram afetadas diretamente no período ou que tinham certa consciência das consequências impostas pela ditadura àqueles que, de algum modo, questionavam a ordem política imposta. Logo relembram os avisos de seu pai, à época professor universitário na UFPI no curso de Geografia, alertando para que não se envolvessem com o movimento estudantil e para que se mantivessem afastados do Exército.

João Gabriel Baptista, professor de Ensino Superior desde o início dos anos 1960 na Faculdade de Filosofia Católica do Piauí (FAFI)²⁶ e, posteriormente, na UFPI, tinha ciência de

²³ POLLAK, Michael. *Op. cit.*; NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez.1993; HALBWACHS, Maurice. *Op. cit.*; RICOUER, Paul. *Op. cit.*

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*; GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004; SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul (RS), v. 2, n. 3, p. 57-72, jan. / jun. 2003.

²⁵ Ernesto José Baptista Neto nasceu em 1952 na cidade de Teresina (PI) e é o segundo filho de João Gabriel Baptista (1920 – 2010). No fim dos anos 1960 se mudou para São Luís (MA) com o intuito de cursar Engenharia Civil. Ao término do curso nos anos 1970 torna-se engenheiro da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) pela qual é atualmente aposentado.

²⁶ Segundo Lucélia Araújo (2013) em fins dos anos 1950, especificamente em 1957, Dom Avelar Brandão Vilela cria a Sociedade Piauiense de Cultura que, à época, agregava intelectuais e outros indivíduos considerados ilustres no Piauí neste contexto. Seu objetivo era o de criar e garantir a manutenção de instituições superiores no estado. Deste modo, ele acata o posicionamento adotado pela Igreja Católica em outros estados brasileiros quanto ao apoio à educação (CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica**. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010). No ano seguinte, em 1958, a FAFI é criada por meio desta entidade com o intuito de formação de quadros docentes visando o ensino secundário piauiense. Inicialmente a faculdade

como estas instituições já haviam sido afetadas pelo novo contexto político que se descortinara a partir de 1964, tendo sido contemporâneo de professores e alunos da FAFI que, na segunda metade dos anos 1960, chegaram a ser presos por criticarem a ditadura. Portanto, não era à toa, nem mesmo por acaso, que alertava seus filhos para o cuidado que deveriam ter durante o período em que estivessem na universidade, bem como com relação aos próprios militares, àquele momento algozes em outras oportunidades de colegas seus da FAFI²⁷.

No entanto, ao tempo em que indicava a Maria do Socorro Baptista Barbosa e Ernesto José Baptista Neto, assim como seus outros filhos, os cuidados que deveriam ter, sendo possível inferir a partir disto o receio que provavelmente tinha de que eles sofressem algum tipo de consequência, como o encarceramento, João Gabriel Baptista também buscava se inserir nas redes de sociabilidades intelectuais, utilizando-se de projetos do governo do Piauí, como o Plano Editorial do Estado²⁸, para publicar suas pesquisas na área de Geografia.

Entende-se Redes de Sociabilidade enquanto espaços produtores de sensibilidades e afetos pelo meio intelectual, ou seja, “[...] constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam [...] um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”²⁹. Estes, por sua vez, são compostos por sujeitos inseridos em determinados grupos sociais e, no contexto histórico

ofertava vagas para quatro cursos, sendo eles Filosofia, História, Geografia e Letras Neolatinas e, em fins dos anos 1960, em 1969, passa a ter vestibular também para Matemática e Física. Em 1971, de acordo com Lucélia Araújo, a faculdade passa a fazer parte da FUFPI, permanecendo seu funcionamento no centro de Teresina até 1973 quando é inaugurado o Campus Ministro Petrônio Portela da UFPI na zona leste da cidade.

²⁷ ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. *Op. cit.*

²⁸ O Plano Editorial do Estado foi uma ação de governo de estado instituída pelo então governador Alberto Tavares Silva entre 1971 e 1975 tendo por objetivo, principalmente, a publicação de obras de História, Geografia e Literatura que tratassem sobre o Piauí, exaltando-se assim este último e seu povo (TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. **O Poder e as Letras: políticas culturais e disputas literárias em Teresina nas décadas de 1960 e 1970.** 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010). Alberto Tavares Silva ao longo de, especialmente, seu primeiro governo no estado do Piauí, buscou edificar uma memória positiva sobre si, construindo um “recinto do elogio” (FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** 2009. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009) por meio da realização de obras e ações que, supostamente, permitiriam o desenvolvimento do estado, além de que valorizassem uma ideia de “piauiensidade”, isto é, a identidade do piauiense e, conseqüentemente, buscando dar notoriedade ao Piauí no cenário nacional. O Plano Editorial do Estado foi uma das ações de intervenção realizadas pelo governo do estado do Piauí no setor cultural nos anos 1970.

²⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 248-249.

trabalhado, notadamente relacionados com camadas políticas e abastadas na sociedade piauiense.

Cabe indicar que os espaços físicos que permitem a constituição destas redes são diversos, podendo se tratar das redações de jornais e revistas até espaços de cunho acadêmico, como universidades ou institutos de pesquisa. Trata-se, no entanto, de espaços privilegiados para se refletir sobre a produção e circulação de ideias em determinada sociedade. Para o caso de Baptista, sua inserção no Liceu Piauiense, UFPI e APL, além da produção para jornais e revistas, permite refletir sobre as redes que constituiu no decorrer de sua trajetória. Além disso, deve-se apontar também que diversas maneiras possibilitam ao sujeito a inserção nestas redes de sociabilidades, sendo relevante, então, compreender os laços familiares e grupos sociais com os quais teve contato ao longo de sua vida³⁰.

Assim, esta narrativa, por meio da trajetória de um indivíduo, buscou compreender os distintos significados e experiências produzidas durante o período ditatorial no Piauí, enfatizando-se não apenas as multiplicidades que compõem as pessoas, como suas contradições, ao considerar o caso singular de João Gabriel Baptista, que, ao tempo que temia o regime, também o utilizou visando entrar nas redes de sociabilidades locais em Teresina (PI).

João Gabriel Baptista, a ditadura no Piauí e seus múltiplos significados

Ao ser questionada em entrevista no que se refere a experiência de João Gabriel Baptista enquanto professor e intelectual no contexto ditatorial no Piauí, a memória de uma de suas filhas, a também professora Maria do Socorro, permite-nos ponderar acerca de um aspecto que compôs a atuação docente dele, tanto num olhar mais voltado para as sensibilidades produzidas na época, como as formas que ele vivenciou o período da ditadura militar no Brasil enquanto um professor universitário. Desta forma, sobre a experiência do pai nesta ocasião ela lembrou:

Rapaz, olha, papai tentava, evitava sempre se envolver com política, né. Ele não era político. Eu acho que ele teria sido um grande político, mas ele era muito honesto pra isso, como eu já, já disse. E a nossa política tá muito complicada, né. É difícil encontrar uma pessoa honesta nesse caminho. Então, assim, ele evitava de falar, né, mas não era um momento fácil, não era um momento fácil. Professores eram vigiados, nós alunos, eu era aluna na época, nós sempre tínhamos aquele receio de que algum colega nosso não fosse exatamente um colega nosso, sabe? Fosse alguém infiltrado pra investigar, pra... Então, assim, os professores no geral e se eu falar agora dos que eu tive como professor, né. Papai não foi meu professor. Os professores no geral tentavam focar mais no conteúdo das disciplinas e deixar um pouco a política de lado,

³⁰ BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **João Gabriel Baptista, um geógrafo que fez história: a constituição de um intelectual na segunda metade do século XX no Piauí.** Teresina: Cancioneiro, 2023.

né, com exceção de um professor de uma disciplina chamada “Estudo dos Problemas Brasileiros” que era obrigatória imposta pelo regime militar que ia fazer elogios ao governo militar, né. Que tinha realmente essa proposta: falar dos problemas brasileiros e de como o governo militar estava resolvendo esses problemas. Que a gente sabe que na verdade eles criaram muito mais problemas do que resolveram problemas, mas assim papai tentava se manter distante dessa questão política e em algum momento da minha vida cheguei a pensar em criticá-lo por isso porque eu acho que nós temos que ter posição, temos que ter postura política e a neutralidade significa quase sempre convivência com quem tá fazendo o errado, mas ao mesmo tempo eu me coloco no lugar dele e lembro que ele tinha sete filhos pra criar numa situação extremamente delicada, né. Muitos professores foram presos nessa época, então melhor ficar calado.

[...]

Olha, uma vez, eu o ouvi comentar sobre Garrastazu Médici que foi, todos nós sabemos, o mais carrasco dos militares, né, que era da época do “Brasil: ame-o ou deixe-o”, “Milagre brasileiro” e por aí vai. Então, ele uma vez chegou a comentar que o Médici havia enganado todo mundo porque tinha aquela aparência de... a fala do Médici era muito envolvente, ele era muito carismático, né, que ele tinha essa coisa de aparentar tá fazendo o bem quando na verdade foi aquele ditador que mais perseguiu, que mais... Foi no governo Médici que mais morreu gente, né, que mais foram pessoas presas e torturadas, pelo menos é o que eu ouvi falar. Lembrando que muita coisa da ditadura a gente só sabe meio que às escondidas porque ainda hoje tem muita coisa que os militares queimaram, esconderam, né, mas eu me lembro dele uma vez ter comentado alguma coisa sobre o Médici e ter comentado sobre o último presidente militar que foi o... gente, como eu confundo esses dois. O Geisel e o... Baptista Figueiredo. Figueiredo. Foi o Figueiredo. Foi o Figueiredo, é. Eu me lembro quando tava no processo de abertura de papai dizendo que era bom que finalmente íamos voltar a poder eleger o nosso presidente. Ele tava muito confiante nisso, ele sentiu imensamente a morte de Tancredo Neves, acho que todos nós sentimos muito. Isso eu lembro³¹.

Além da professora Maria do Socorro Baptista, seu irmão, Ernesto José Neto, em entrevista, lembrou os medos de seu pai, quando de sua ida para realizar os estudos universitários em Engenharia na cidade de São Luís, no estado vizinho do Maranhão, alertando ao filho que deveria evitar envolver-se com questões relacionadas ao movimento estudantil.

Ao analisar essas lembranças talvez nos questionemos: qual sua relevância? Teria alguma importância refletir sobre as sensibilidades que marcaram um sujeito, no caso João Gabriel Baptista, focando-se em aspectos que não teriam produzido consequências imediatas para o indivíduo ou sua família? De que serve ao historiador uma narrativa que trata sobre um acontecimento que, aparentemente, pouco ou nada interferiu na vida do homem estudado pelo pesquisador?

³¹ BARBOSA, Maria de Socorro Baptista. **Maria de Socorro Baptista Barbosa**: depoimento [jun. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Skype. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.

Considerando que tudo torna-se passível de ser estudado pela História, todo e qualquer aspecto relacionado ao ser humano possui uma historicidade³². Além disso, os questionamentos realizados às fontes derivam diretamente dos desejos existentes no tempo presente em relação ao passado, com a História possuindo significado enquanto houver indagações³³. Estes elementos que marcam as subjetividades dos indivíduos possibilitam nossa compreensão acerca de outros aspectos culturais ao longo do tempo, bem como a pluralidade de que se trata a existência humana, tão caros para a produção de uma narrativa biográfica.

Qual seria o sentido, então, de uma narrativa de cunho biográfico desprovido de “vida”? Que resumisse esta a uma mera trajetória profissional ou intelectual? Que se furtasse a tratar de outros aspectos que se fazem presentes na vida humana? Que ignorasse que nós, enquanto seres humanos, rimos, choramos, amamos, sentimos medo e outra infinidade de sentimentos que refletem nossas subjetividades e sensibilidades? Talvez, então, ao historiador que trabalha com biografias interesse construir narrativas que

[...] reencontrem o tempo perdido, que chamem à cena os fantasmas da história, que tenham capacidade de conversar com os mortos. Que permitam a magia de entrar na vida de outrem e que façam dos historiadores caçadores de almas capazes de encantar os leitores graças a biografias históricas³⁴.

Portanto, refletir sobre as sensibilidades que marcaram João Gabriel Baptista durante o período ditatorial no Piauí envolve pensar não só sobre como ele se apropriou das condições históricas postas neste contexto para se inserir em certas redes de sociabilidades intelectuais³⁵ na segunda metade do século XX em Teresina, mas também como transitar nestes espaços marcaram sua vida com outras questões e com sentimentos, que, de um modo ou de outro, influenciaram sua trajetória, caminhos e experiências.

Deste modo, a partir das lembranças de seus filhos, é notório como a experiência de seu pai foi algo plural, podendo-se encontrar relatos de casos inusitados que flertavam com o

³² BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

³³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007; DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: uma janela para a história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 73-90.

³⁴ DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: uma janela para a história. In: *Ibid.* p. 73-90; p. 87.

³⁵ SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

humor, assim como outros que permitem uma reflexão sobre o medo³⁶, principalmente durante a ditadura militar.

Quanto a esta conjuntura, Marcos Napolitano³⁷ discute que em 1964, no dia 31 de março, as direitas militares e civis colocaram em curso uma ação política que modificaria sensivelmente o tecido social brasileiro no decorrer de duas décadas, isto é, o emprego de um golpe civil-militar³⁸ contra o governo do então vice-presidente eleito, João Goulart³⁹, que assumiu o cargo da presidência alguns anos antes, em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros.

João Goulart termina sendo forçado a se exilar e, logo após deixar o país, o Congresso Nacional, no dia 2 de abril de 1964, decreta vaga a Presidência Da República, legitimando o golpe e, duas semanas depois, elegendo de forma indireta Humberto de Alencar Castelo Branco como novo presidente. A ação que, acreditava tratar-se de um golpe cirúrgico, assim como havia acontecido em momentos anteriores, tornou-se o prelúdio para uma ditadura que durou 21 anos e que foi responsável por prisões arbitrárias, cassações de mandatos políticos, demissões, torturas, desaparecimentos e mortes de supostos opositores a ordem imposta ou de indivíduos que estivessem de algum modo relacionados a grupos de esquerda e/ou de oposição⁴⁰. Assim, sobre o período posterior ao

[...] golpe de 1964, o que se pôde ver de imediato, sobretudo de determinados pontos de vista, é que ele era um projeto violento, recorrendo a prisões e torturas abertamente.

³⁶ DELUMEAU, Jean. *Op. cit.*; TUAN, Yi-Fu. *Op. cit.*; BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Uma província enferma: medo e cólera no Piauí na segunda metade do século XIX**. Teresina: Cancioneiro, 2022; NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

³⁷ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*

³⁸ Entendemos o golpe enquanto civil-militar considerando que este não apenas recebeu apoio por civis ou militares, mas foi realizado por ambos entre o dia 31 de março e 2 de abril de 1964. Nos anos que seguem, no entanto, a partir da imposição dos Atos Institucionais, assim como a criação de outros aparatos, como o DOI-CODI, o que se tem é a institucionalização de uma ditadura que passa a ser direcionado e orientado pelos militares. Ainda que existissem civis em diversos espaços de poder no governo durante este período, o direcionamento da economia e da política eram definidos pelos militares, ou seja, quem definia as regras eram os militares e, quando algo os desagradava alterava-se estas com o intuito de beneficiá-los, o que justifica a utilização do termo “ditadura militar” nesta narrativa. Sobre as discussões em torno dos termos “ditadura militar” ou “ditadura civil-militar”, bem como outras questões que assinalam a historiografia brasileira sobre a ditadura militar ver FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.9, n.20, p. 5-74. jan./abr.2017.

³⁹ Para mais informações sobre o governo de João Goulart ver NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014; FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014 e FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

⁴⁰ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*

Os golpistas, que se chamaram de revolucionários, cassavam e caçavam seus inimigos. E pobres daqueles que foram definidos como inimigos dessa revolução⁴¹.

Deste modo, fechavam-se as cortinas, escutavam-se os aplausos e com eles a morte da Democracia. Situações como essas se descortinaram desde os anos iniciais, podendo ser citado como exemplo a cassação do mandato político do então deputado federal Francisco Julião que, por ser diretamente conectado às Ligas Camponesas e percebido enquanto radical de esquerda naquele momento, alguns meses após o golpe foi preso e, posteriormente, conseguiu exilar-se no México⁴². Pode-se indicar ainda as perseguições que ocorreram nas universidades públicas brasileiras com expurgos que atingiram centenas de professores considerados subversivos, tendo sido emblemático o caso da Universidade de Brasília⁴³.

Essa situação de exceção intensificou-se por meio da implantação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em fins de 1968 e, seguidamente, com a chegada à presidência da república do general Emílio Garrastazu Médici no ano seguinte, tendo sido o seu governo entre 1969 e 1974 marcado pela “[...] repressão feroz do Estado contra a guerrilha de esquerda”⁴⁴ e, ao mesmo tempo, pela continuidade da política econômica de seu antecessor na presidência; isto é, pelo “milagre econômico”, ultimamente responsável por ampliar a concentração de renda, o êxodo rural, as desigualdades sociais, a dívida externa, o aumento da inflação e, conseqüentemente, a recessão no país no fim dos anos 1970 e no decorrer da década seguinte, evidenciando também o caráter militar da ditadura que se instalava.

No caso do Piauí, o estado perpassa por uma conjuntura semelhante a que se desvelou no golpe de 1964, isto é, com a imprensa e indivíduos pertencentes às elites locais legitimando a necessidade de um golpe à medida que se colocavam contrários às reformas do governo e percebiam os movimentos sociais enquanto ameaças à democracia⁴⁵.

Não apenas no Piauí, mas de modo geral, diversos setores da imprensa brasileira apoiaram o golpe civil-militar no Brasil, tendo tido atuação significativa no processo de

⁴¹ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*.

⁴² PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **De Pétales e Pedras**: a trajetória de Francisco Julião. 2013. 428 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social – Instituto de História – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

⁴³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁴⁴ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.* p. 110.

⁴⁵ CASTRO, Francisco J. Leandro A. de. **1964**: memórias e culturas políticas no Piauí. Teresina: Cancioneiro, 2023.

desestruturação do governo João Goulart, principalmente em seus últimos anos. Após ele ser realizado, ao considerarmos a imprensa brasileira e as relações estabelecidas com o novo regime, se tem uma conjuntura complexa, havendo jornais e jornalistas que alteram sua postura de apoio à medida que a nova ditadura que se estabelecia assume cada vez mais uma postura autoritária, minando paulatinamente as liberdades democráticas e promovendo a censura ou forçando a autocensura⁴⁶.

Nesse sentido, com a instalação do golpe o que se segue por parte destes setores piauienses, como alguns comerciantes, políticos, jornalistas e intelectuais, é o apoio a nova ditadura que se estabelecia por meio de uma prática colaboracionista, haja vista os possíveis benefícios que decorreriam deste novo momento⁴⁷.

Deste modo, os receios ou possíveis medos que João Gabriel Baptista mantinha quanto ao momento político que vivia não decorriam à toa, haja vista que, ele não apenas vivenciava este processo, como desde os primeiros momentos após o golpe civil-militar de 1964 houve casos de perseguições, demissões e prisões em diversos setores sociais, sobretudo no ambiente acadêmico no restante do Brasil⁴⁸.

Imperioso indicar, por exemplo, que nas universidades, como a Universidade de Brasília e a Universidade de São Paulo, ocorreram perseguições de discentes e docentes, sendo muitos destes últimos demitidos. No caso da Universidade do Brasil, dentre as medidas tomadas, é possível citar a criação de uma Comissão de Investigação para a obtenção de informações sobre uma suposta infiltração comunista na Faculdade Nacional de Filosofia⁴⁹.

Não só as universidades, como também outros espaços e pessoas que à época já eram identificadas como subversivas ou possíveis indivíduos que coadunavam com ideias que desagradavam a nova ordem imposta, a exemplo dos sindicatos, partidos políticos de esquerda

⁴⁶ Sobre estas questões e os cuidados ao se analisar o jornal na narrativa histórica ver AQUINO, Maria Aparecida de. **Caminhos Cruzados: Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-80)**. 1994. 317f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994; KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI – 5 à Constituição de 1988**. 2001. 428f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

⁴⁷ CASTRO, Francisco J. Leandro A. de. *Op. cit.*

⁴⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁴⁹ Sobre estas e outras consequências do golpe nos setores universitários ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014; FERREIRA, Marieta de Moares. O lado escuro da força: a ditadura militar e o curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNF/UB). **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto (MG), n.11, p. 45-64, abr. 2013 e CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

e movimentos sociais, também foram alvo. Não ao acaso, ao tomarmos o exemplo da Bahia, vemos que diversos sindicalistas vinculados às refinarias de petróleo foram presos nos primeiros dias que sucederam o golpe civil-militar, como o deputado federal Mário Lima, presidente do sindicato dos petrolíferos. Em Pernambuco, por sua vez, pode-se citar a prisão do deputado federal Gregório Bezerra, um dos principais líderes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) bastante atuante nos sindicatos rurais no Nordeste⁵⁰.

A ditadura que se instaurava, percebia especialmente nos espaços das universidades o lócus de produção de ideologias contrárias ao regime, notadamente vinculadas às esquerdas, sendo, portanto, necessário, para os militares, reprimir essas ideias consideradas subversivas⁵¹. Ademais, tratou-se de um momento em que muitos docentes foram denunciados⁵² enquanto subversivos pelos próprios colegas, seja por questões ideológicas, como a vinculação a uma extrema-direita por parte dos denunciantes, como por motivos pessoais e profissionais, isto é, utilizando-se da conjuntura política para prejudicar colegas docentes em benefício da própria carreira, buscando assumir novos cargos em detrimento de indivíduos pertencentes a mesma classe⁵³. Assim, no meio acadêmico

[...] o apoio ao novo regime em geral era baseado em motivação política e ideológica. Entretanto, houve também muita adesão oportunista, com pessoas que se aproveitavam da situação para aderir e abrir espaços de poder e carreira em meio aos expurgos [...] Pessoas que em outras circunstâncias teriam dificuldade de ascender na carreira universitária viram na adesão aos novos mandatários preciosa oportunidade, sobretudo porque os expurgos geravam posições vagas a serem ocupadas⁵⁴.

No Piauí, a situação não decorreu de forma diferente, ocorrendo casos de prisões e censura, particularmente no que concerne aos discentes e docentes da FAFI ainda nos anos 1960, haja vista sua participação em protestos e críticas proferidas já naquele período contrárias a ordem de exceção que se instaurava no país⁵⁵.

⁵⁰ Sobre estes casos ver BRITO, Tásso. 1 de abril de 1964: a prisão de Gregório Bezerra e o Golpe Civil-Militar em Pernambuco. In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Org.). **Coletânea Pernambuco na mira do Golpe, volume 2**: direitos humanos, acervos, política e sociedade. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. p. 54-72; IVO, Alex de Souza. Uma “revolução” contra o comuno-peleguismo: o golpe de 1964 e o sindicalismo petroleiro. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro; IVO, Alex de Souza (Org.). **Ditadura militar na Bahia**: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 53-68.

⁵¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁵² CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. *Op. cit.*

⁵³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁵⁴ *Idem.* p. 37.

⁵⁵ ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. *Op. cit.*

Pode-se citar o caso da repressão sofrida pelo estudante Antônio José Medeiros, discente da FAFI⁵⁶, preso três vezes entre 1967 e 1969. Foi ainda impedido pela ditadura de ser candidato a presidente do diretório estudantil em fins dos anos 1960 em função de sua participação em movimentos de críticas ao regime, além de ter participado do XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), na época ocorrido de forma clandestina em São Paulo, visto que os militares tinham proibido o funcionamento da instituição após o golpe de 1964⁵⁷.

Considerando, então, o cenário nacional de repressão e perseguição, em particular aos quadros universitários, bem como uma conjuntura local que dialogava com esse momento de exceção e, tendo em vista ainda os espaços profissionais ocupados por João Gabriel Baptista neste momento, isto é, nos anos 1960 e 1970, a preocupação expressada em relação aos filhos ocorria em função do conhecimento que detinha da situação nos centros de poder, como no Rio de Janeiro e São Paulo, mas também na própria faculdade que atuava, isto é, a FAFI.

Deste modo, João Gabriel Baptista, tendo ingressado na instituição em 1962 por meio de convite realizado pelo professor Clemente Honório Parentes Fortes⁵⁸ para assumir a cadeira de Cartografia no curso de Geografia, esteve vinculado ao espaço universitário até o momento de sua aposentadoria, conforme indica em entrevista concedida ao jornal “O DIA” em fins do século XX:

Em 62, o professor Clemente Fortes da Faculdade de Filosofia do Piauí – FAFI, convidou-me para assumir a cadeira de Cartografia do curso de Geografia daquela faculdade. Fiquei na FAFI até 71, quando fui à disposição, sem ônus para o Estado, para a Universidade Federal do Piauí. Trabalhei no Liceu e na FUFPI até 82. Hoje sou professor titular do Departamento de Geografia e História do CCHL (Centro de Ciências Humanas e Letras)⁵⁹.

Este tipo de entrevista pode ser compreendida enquanto um modo que ele encontrou de produzir em dado momento da vida, uma memória sobre si, isto é, uma escrita de si, além da ideia de uma trajetória inteligível pautada na linearidade. Ao historiador cabe o cuidado em perceber que por meio desta prática, os sujeitos no mundo moderno buscam construir na

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁵⁸ Segundo Antônio Melo (2006) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí em 1935, tendo feito parte com outros intelectuais da época da Sociedade Piauiense de Cultura, esta última fundada por Dom Avelar Brandão Vilela, entidade responsável pela fundação da FAFI em 1958. Foi professor e o primeiro Diretor da faculdade, permanecendo neste cargo entre 1958 e 1964, quando o deixou para assumir a direção da Faculdade de Direito do Piauí.

⁵⁹ GABRIEL Baptista: desvendando os segredos da geografia do Piauí e do Brasil. *O DIA*, Teresina, ano 38, Caderno 2, p. 1, Sábado, 21 out. 1989.

memória de si sua identidade, sendo importante esta cautela no sentido de evitar um entendimento equivocado de que a vida de alguém é possível de ser capturada por uma narrativa linear ou mesmo inteligível, que constrói uma ideia problemática de “ilusão biográfica”.

É preciso precaver-se da utilização de recursos linguísticos ou compreender as estratégias presentes por parte dos sujeitos no uso dos “sempre” ou “desde sempre”, enquanto modos de elaborarem e darem sentidos a suas trajetórias enquanto narrativas ordenadas que já tinham um ponto de partida e/ou um ponto final previamente definidos. Faz-se pertinente, portanto, certos cuidados ao se propor a produzir uma narrativa de cunho biográfico, evitando cair nessas armadilhas. À medida que entendemos as pessoas enquanto dotadas de múltiplas identidades, dessa maneira, com trajetórias atravessadas por milhares de eventos que produzem significados, bem como ressignificam a forma como percebem os tempos e os espaços nos quais se inserem de maneiras distintas, torna-se problemático qualquer inferência sobre uma trajetória de vida que não leve em consideração estes aspectos. No documento analisado é possível sugerir que, muito provavelmente, há uma preocupação de Baptista ao responder perguntas sobre sua vida e em construir essa linearidade acerca da trajetória profissional, ao tempo que demarcava seu espaço enquanto um dos principais geógrafos e professores de Geografia no Piauí.

Além disso, o fato de estar vinculado na época ao curso de Geografia, este tendo permanecido amalgamado ao curso de História até 1964⁶⁰, ou seja, curso das áreas das ciências humanas, pode ter ampliado a preocupação do professor, haja vista que as ciências humanas e sociais eram uma das áreas mais visadas pelas forças repressivas da ditadura, considerando que poderiam significar uma “[...] ameaça à segurança interna do país”⁶¹. Não obstante, há de se lembrar ainda que se tratava de um contexto no qual “[...] todos os professores ou candidatos ao magistério eram considerados suspeitos de subversão, até que mostrassem o contrário”⁶².

Seu suposto afastamento, então, de uma posição mais crítica à ditadura vigente na época, conforme a memória de sua filha, Maria do Socorro Baptista Barbosa, esteve relacionado ao medo que se tinha neste contexto da repressão vivenciada à época e dos efeitos que ela teve nos espaços acadêmicos, mas também os próprios caminhos trilhados por João Gabriel Baptista

⁶⁰ MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. *Op. cit.*

⁶¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*, p. 236.

⁶² CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. *Op. cit.*, p. 39.

nesta conjuntura, notadamente o acesso a políticas públicas de fomento à cultura instaladas pelo governo estadual.

Cabe indicar ainda que o momento em que o seu primeiro filho, Ernesto Baptista Neto, ingressa na universidade em São Luís (MA), tratava-se de fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, isto é, em uma conjuntura em que a ditadura radicalizava-se ainda mais com o AI-5, publicado em 1968⁶³ e, pouco tempo depois, com uma nova investida realizada contra o espaço acadêmico, afetando de forma significativa novamente discentes e docentes em várias regiões do país⁶⁴.

Para Motta⁶⁵ e Cunha⁶⁶, a partir da implementação do AI-5 e do decreto-lei 477 o espaço universitário adentra em um novo contexto de repressão, dando continuidade às ações tomadas no início do golpe, mas que terminaram interrompidas, portanto, incompletas, abrindo espaço para as contestações realizadas contra o regime, especialmente entre 1967 e 1968. Com isso, a partir de 1969 as universidades vivenciaram um novo ciclo de expurgos com a demissão de centenas de docentes em diversas instituições do país, bem como o jubramento⁶⁷ de diversos discentes, considerados relacionados às esquerdas ou subversivos pela ditadura na época.

É preciso citar ainda casos mais problemáticos que ultrapassavam a violência psicológica, tornando-se física com a prisão, tortura e possibilidade de desaparecimento ou morte de professores, principalmente quando havia suspeitas de participação em organizações de esquerda ou de militância política. Assim,

[...] o grande expurgo de 1969 foi possível pelas peculiaridades políticas do contexto, em que os radicais da direita se viram, momentaneamente, livres para atuar. Depois dessa fase, os órgãos de informação iriam se dedicar a monitorar os professores suspeitos ainda em atividade e tentar interditar a contratação dos que consideravam perigosos, com sucesso variável [...]⁶⁸.

João Gabriel Baptista, professor no Ensino Superior no Piauí desde 1962, certamente não se encontrava alheio a esta conjuntura política, tendo ciência do cenário político vivenciado pelas universidades tanto nos momentos que sucederam o golpe em 1964 como após a publicação do AI-5, isto é, a partir de 1968. Não apenas isso, mas os próprios casos que

⁶³ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*

⁶⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁶⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Ibid.*

⁶⁶ CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. *Op. cit.*

⁶⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

⁶⁸ *Ibid.*, p. 181.

ocorreram em solo piauiense, afetando diretamente discentes e docentes da FAFI⁶⁹, devem ter influenciado nos receios e medos de Baptista no que diz respeito ao ingresso de seu filho mais velho no espaço acadêmico a partir de fins dos anos 1960 e início da década de 1970.

Acrescido a isso, especialmente após o golpe, o governo do estado do Piauí instituiu uma série de políticas que visavam interferir diretamente no setor cultural. Esta política, por sua vez, esteve em confluência com o cenário nacional, no qual o Estado buscou disciplinar este aspecto social, seja pela censura, pelo incentivo de produções que evitassem uma problematização mais profunda da conjuntura da época ou mesmo de obras que dialogassem com os ideais da ditadura em pauta⁷⁰.

Deste modo, entre 1960 e o início da década seguinte, tem-se a criação não apenas de órgãos estaduais de fomento à cultura, mas de políticas destinadas diretamente para garantir a publicação de obras, como o Plano Editorial do Estado⁷¹. É a partir desta política que em 1975 João Gabriel Baptista, professor do curso de Geografia agora já da Universidade Federal do Piauí⁷², seria contemplado e teria sua quarta obra publicada, “Geografia Física do Piauí”, sua publicação de maior destaque, e aquela que, segundo o autor em entrevista concedida ao jornal “O DIA” em 21 de outubro de 1989, teria possibilitado o seu ingresso em 1978 na Academia Piauiense de Letras (APL).

Antes da publicação de 1975, ele já havia conseguido publicar o livro “Resumo Corográfico do Piauí”, com financiamento público do estado. A obra, de caráter didático, era destinada às escolas primárias e traria aspectos físicos, sociais e econômicos do Piauí. A publicação dela, no entanto, tornou-se possível em função da amizade construída com outro intelectual e seu colega de trabalho no Liceu Piauiense, o Prof. José de Arimathéa Tito Filho, à época Secretário de Estado da Educação e Cultura no Piauí no governo de João Clímaco de Almeida, quando ela saiu. Apesar do Prof. Arimathéa permanecer pouco tempo no cargo de secretário, logo torna-se Presidente da Academia Piauiense de Letras, mantendo influência

⁶⁹ ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. *Op. cit.*

⁷⁰ TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. **O Poder e as Letras**: políticas culturais e disputas literárias em Teresina nas décadas de 1960 e 1970. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² Em 12 de novembro de 1968 por meio da lei nº 5528 foi criada a Universidade Federal do Piauí (UFPI), que incorporou as faculdades existentes no Piauí na época, dentre elas a FAFI, na qual trabalhava João Gabriel Baptista no curso de Geografia. Em 1971, a UFPI passou a funcionar efetivamente em novo prédio na zona leste de Teresina (MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. *Op. cit.*)

significativa no âmbito cultural do estado, tendo sido membro da comissão julgadora do Plano Editorial do Estado, o que implicou na publicação de várias de suas obras, mas também na publicação do livro “Geografia Física do Piauí” de João Gabriel Baptista em 1975.

Dentre os critérios adotados para a publicação de obras neste período, a produção de João Gabriel se enquadrou entre aquelas que, supostamente, valorizavam a geografia, a história e uma identidade local, bem como dialogavam com a edificação de uma memória nacional⁷³, questões pertinentes tanto ao governo do estado do Piauí quanto ao Estado brasileiro⁷⁴.

Assim, considerando a especificidade do período, notadamente a forma como as universidades e professores foram afetados, tanto aqueles que se prejudicaram ou se beneficiaram de algum modo em função da ditadura militar⁷⁵, são notórios os modos como João Gabriel Baptista foi afetado neste cenário político nacional e local, tanto em questões pessoais, como o medo expressado quanto a seus filhos, como em questões profissionais, a exemplo do modo como se utilizou das relações de afetividade construídas e das políticas públicas da época para realizar as publicações de suas obras a partir de 1975.

Ademais, para além dos aspectos profissionais ou pessoais, é mister indicar que a participação efetiva dele neste cenário acadêmico e intelectual por meio da publicação de suas obras pelos órgãos do estado não somente possibilita que ele seja percebido enquanto um dos professores de Geografia do estado do Piauí que mais se destacaram na segunda metade do século XX, como também evidencia as formas que este encontra para atender a nova conjuntura e as demandas políticas postas pela ditadura militar, tendo em vista os objetivos elencados pelo governo do estado do Piauí naquele momento e o seu alinhamento a nível nacional com a ditadura vigente. Deste modo, se adequava às regras do jogo não porque concordava ou almejava colaborar diretamente com a ditadura, mas no intuito de escapar das possíveis consequências que se descortinavam a outros colegas na época, com prisões e torturas ilegais.

Entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1990, à medida que se insere no meio acadêmico, João Gabriel Baptista se configura como o primeiro intelectual piauiense a possuir uma produção sistemática no campo da Geografia, publicando as seguintes obras sobre a Geografia e História do Piauí: *Nascentes de um rio* (1971), *Resumo Corográfico do Estado do*

⁷³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006; NORA, Pierre. *Op. cit.*

⁷⁴ TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. *Op. cit.*

⁷⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

Piauí (1971), Geografia Física do Piauí (1975), Mapas Geohistóricos (1986), A Origem do rio Parnaíba (1987), EtnoHistória Indígena Piauiense (1994), com algumas destas contempladas com novas edições. Publicou ainda artigos sobre a Geografia do Piauí nos *Jornais Folha do Nordeste* em 1962 e 1963, bem como em revistas no mesmo recorte temporal, e verbetes sobre a mesma temática no jornal *O DIA* em 1966. Desta forma, sua produção alcançou significativa contribuição para a Geografia e História do Piauí, sendo reconhecida por seus pares ao considerarmos seu ingresso na Academia Piauiense de Letras (APL) e no Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGPI), bem como os elogios feitos a seu trabalho presentes nos prefácios de suas obras⁷⁶.

O fato de João Gabriel Baptista ter evitado adotar um posicionamento político, além da questão do medo do cenário de época, dialoga diretamente com a trajetória intelectual que vinha construindo naquele momento histórico. Ele realizava pesquisas para a FAFI, bem como para a publicação em periódicos, jornais e livros, posteriormente beneficiando-se das políticas públicas estaduais e federais.

Assim, a atuação enquanto professor universitário a partir de 1962 marca um novo momento na sua vida, inaugurando o período em que passa a se constituir enquanto intelectual, dialogando com pares e se inserindo nas redes de sociabilidades existentes no contexto em que estava de ditadura militar. Assinala ainda, após 1964, recorte que nos interessa nesta narrativa, uma situação dicotômica: ao mesmo tempo que tem receios e medos, especialmente em função dos filhos que ingressavam na universidade, se utiliza deste contexto para adentrar em novos espaços, constituir novas redes de sociabilidade, atendendo, deste modo, a seus interesses pessoais e profissionais. Não é à toa, então, que pouco tempo depois, ele é eleito para a APL, no ano de 1978. Estes eventos, em realidade, dialogam diretamente com o lugar social⁷⁷ ocupado por Baptista, principalmente a partir dos anos 1960, após sua inserção no cenário universitário e acadêmico.

Considerações Finais

Entendemos, então, a partir da experiência singular de João Gabriel Baptista, como as trajetórias de vida são marcadas por dicotomias e contradições, por situações que, por vezes,

⁷⁶ BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa. *Op. cit.*

⁷⁷ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

geram as mais diversas sensibilidades ou mesmo práticas conflitantes. No caso do contexto ditatorial no Piauí, ele percebeu este momento de formas distintas, possivelmente sentindo medo dos significados e consequências que esta conjuntura poderia fomentar em sua vida pessoal e de seus filhos, ao tempo em que se utilizou dos projetos desenvolvidos pelo estado no âmbito cultural para a publicação de suas obras e inserção em novos espaços intelectuais, ciente dos riscos e perigos que a circunstância representava, mas também como um modo de se enquadrar no novo cenário posto.

Neste sentido, no caso de João Gabriel Baptista e sua experiência enquanto professor universitário durante os anos 1960 e 1990 é imperioso indicar, a partir da pesquisa aqui realizada, como este também se utilizou do contexto da ditadura militar para sua inserção nas redes de sociabilidades intelectuais piauienses e para sua legitimação enquanto geógrafo no Piauí nesta conjuntura, sendo posteriormente percebido como um dos principais nomes neste campo no estado, em função de sua produção científica e atuação durante o período.

Cabe indicar também que as análises aqui produzidas se operam enquanto possibilidades diante da conjuntura vivenciada pelo professor universitário, bem como por meio da rememoração dos diálogos realizados com os filhos durante e após o fim da ditadura, considerando que ele não deixou registros sobre como se sentia (se sentia medo ou não) ou pensava acerca do período da ditadura militar no Piauí.

Dessa forma, pensar a biografia de João Gabriel Baptista possibilita novos modos de compreender o contexto ditatorial, apontando experiências singulares em espaços afastados dos centros de poder, à época no centro-oeste e sudeste do país, e do mesmo modo, de refletir sobre as múltiplas experiências dele e de outros indivíduos neste momento, que ainda que sentissem medo das possíveis consequências, não deixaram de se apropriar do momento em proveito da própria trajetória profissional.

Assim, chegamos ao fim desta narrativa, à finalização deste texto, devendo-se inferir que as possibilidades na escrita da História, particularmente sobre Baptista, seguem abertas, tendo sido explorados aqui apenas pequenas lacunas, servindo-se deste sujeito enquanto um pretexto para tratar de um determinado cenário: notadamente a experiência de um professor universitário durante a ditadura militar no Piauí, tema que ainda carece de pesquisas no estado no que se refere a estudos biográficos.

Finalizamos, então, lembrando que o que aqui foi escrito e discutido não se trata de um esgotamento de João Gabriel Baptista. Serve, no entanto, como um ponto de partida, uma dentre muitas possibilidades de se pensar esse homem, atentas às necessidades de cada época e a seus questionamentos. Portanto, considerando os meandros que envolvem a escrita da História, encerramos indicando que este texto é apenas um entre os que podem/devem/irão surgir ao tempo em que a sociedade se modifica e novas perguntas são formuladas.

Referências

Fontes

BAPTISTA, Ernesto José. **Ernesto José Baptista**: depoimento [jul. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Skype. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.

BARBOSA, Maria de Socorro Baptista. **Maria de Socorro Baptista Barbosa**: depoimento [jun. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Skype. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.

GABRIEL Baptista: desvendando os segredos da geografia do Piauí e do Brasil. **O DIA**, Teresina, ano 38, Caderno 2, p. 1, Sábado, 21 out. 1989.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Caminhos Cruzados**: Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-80). 1994. 317f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. **Tecendo Narrativas**: vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Grafia da vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 63-82.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **João Gabriel Baptista, um geógrafo que fez história**: a constituição de um intelectual na segunda metade do século XX no Piauí. Teresina: Cancioneiro, 2023.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Uma província enferma**: medo e cólera no Piauí na segunda metade do século XIX. Teresina: Cancioneiro, 2022.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa. Os estudos do professor João Gabriel Baptista e a consolidação da Geografia enquanto campo científico no Piauí a partir da segunda metade do século XX. **Temporalidades – Revista de História**, Belo Horizonte, v. 15, n.2, p. 476-506, out. 2023 / mar. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRITO, Tássio. 1 de abril de 1964: a prisão de Gregório Bezerra e o Golpe Civil-Militar em Pernambuco. *In*: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Org.). **Coletânea Pernambuco na mira do Golpe, volume 2**: direitos humanos, acervos, política e sociedade. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. p. 54-72.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Dom Avelar Brandão Vilela**: uma biografia histórica. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

CASTRO, Francisco J. Leandro A. de. **1964**: memórias e culturas políticas no Piauí. Teresina: Cancioneiro, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: uma janela para a história. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 73-90.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart**: uma biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964**: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. O lado escuro da força: a ditadura militar e o curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNF/UB). **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto (MG), n.11, p. 45-64, abr. 2013.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.9, n.20, p. 5-74. jan./abr.2017.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. 2009. 374 f. Tese (Doutorado em

História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IVO, Alex de Souza. Uma “revolução” contra o comuno-peleguismo: o golpe de 1964 e o sindicalismo petroleiro. *In*: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro; IVO, Alex de Souza (Org.). **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 53-68.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI – 5 à Constituição de 1988**. 2001. 428f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **Os alicerces da Educação Superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930 - 1970)**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez.1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **De Pétalas e Pedras: a trajetória de Francisco Julião**. 2013. 428 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social – Instituto de História – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Educação no Piauí: 1880 – 1930**. Imperatriz (MA): Ética, 2008.

RICOUER, Paul. Da memória e da reminiscência. *In*: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Unicamp, 2007, p. 25-70.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul (RS), v. 2, n. 3, p. 57-72, jan. / jun. 2003.

SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. **O Poder e as Letras**: políticas culturais e disputas literárias em Teresina nas décadas de 1960 e 1970. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.